

PLANTAS AMAZÔNICAS DE USO REGIONAL

Por JOÃO MURÇA PIRES (*)

INEBRIANTES E ENTORPECENTES

Diversas plantas amazônicas são usadas ou tidas como portadoras de propriedades inebriantes, narcóticos ou provocadoras de hipnose ou alucinação. Algumas delas eram usadas ou são ainda usadas entre os índios por motivos de superstição, como seja, para reforçar os dons sobrenaturais dos pagés, adivinhos ou curandeiros.

O estudo químico dessas plantas é de grande interesse porque, se por um lado algumas são referidas muito vagamente na literatura ou na tradição regional, outras são incontestavelmente portadoras de princípios ativos, como sejam o caapi, o cabi, rapés de índio, niopo, etc.

Caapi ou capi. — **Banisteria caapi** Spruce ou **Banisteriopsis caapi** (Spruce) Morton, família das **Malpighiaceae**, conhecida vulgarmente por capi, caapi, no Brasil e por ayauasca ou hiaje no Perú e na Colômbia, é um cipó muito comumente cultivado pelos índios do alto Solimões, alto Rio Negro e alto Orinoco. Existe cultivado no I. A. N. .

A primeira descrição do uso de caapi é dada por Richard Spruce, autor da espécie, que em 1852 percorreu o Rio Negro, tendo presenciado algumas festas em que o caapi constituía uma bebida indispensável aos rituais e era tomada por todos.

O preparo da bebida que se extrai do caapi é feito cortando-se o caule (cipó) em pedaços e preparando-se o chá. Existem referências também sobre o uso das folhas. Nesse preparo, no entanto, como sempre acontece entre os índios, entra muito de superstição e magia ou feitiçaria e, por isso, vários outros ingredientes podem ser adicionados, plantas ou não.

As pessoas que bebem, segundo consta, entram em alucinação, excitação, para finalmente recaírem em relaxamento e palidez. Há portanto, certa semelhança com os efeitos produzidos pela liamba, diamba ou maconha que é planta exótica.

Quimicamente, o princípio ativo do caapi é a **harmina** (cf. Mors).

(*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

Cabi. — Existe uma outra planta, parecida com o caapi, comumente cultivada nos quintais de Belém (existe cultivada no I. A. N. e no Museu Goeldi), conhecida com o nome Cabi (**Cabi paraensis** Ducke, fam. **Malpighiaceae**), porém, não há referência segura sobre o seu uso como inebriante. No entanto, estudos procedidos no Rio por Mcrs mostraram a presença dos mesmos alcaloides ou do mesmo grupo.

Para melhores detalhes sobre o **caapi** e o **cabi**, consultar a seguinte bibliografia: R. Spruce, "Notes of a botanist on the Amazon and Andes", vol. II: 414 — 425. 1908, Macmillan. — A. Ducke, "Plantas de cultura precolombiana na Amazônia brasileira", Bol. Tecn. IAN n.º 8: 5. 1946. — Walter B. Mors e Perola Zaltzman, "Sobre o alcaloide de capi e cabi", Bol. Inst. Quím. Agr., Rio, n.º 34: 17. 1954. — R. E. Schultes, Bot. Mus. Leaflets, Harvard University, vol. 18, n.º 1. 1957.

Existem outras plantas botanicamente aparentadas com o capi que são tidas como portadoras de princípios químicos ativos cujos estudos seriam interessantes. Entre esses poderemos citar alguns.

Dentre as espécies de **Banisteria** (ou **Banisteriopsis**), algumas são citadas como representando o verdadeiro caapi ou ayauasca, como sejam: **Banisteria inebrians**, **B. rusbyana**, **B. quitensis**, além de algumas espécies de gêneros próximos, como sejam, **Tetrapterix** e **Mascagnia**. Na Amazônia, **Mascagnia sepium** é tida como veneno para o gado, de acordo com material que temos recebido de criadores, para identificação.

Ipadú ou coca. **Erythroxylon coca**, fam. **Erythroxylaceae**, é um arbusto de 1,5 a 2 metros, comumente encontrado em cultura, principalmente entre os índios do alto Solimões e alto Rio Negro, tanto no Brasil como na parte amazônica dos países vizinhos. Existe cultivado no I. A. N. .

O "ipadú" não é propriamente inebriante. Admite-se que é excitante, tido como responsável por uma sensação de bem estar, insensibilidade ao cansaço e à fome e satisfação geral do indivíduo que, disso fazendo uso, pode suportar longas caminhadas sem grandes sacrifícios.

No preparo do ipadú ou coca também há bastante variação, conforme a região, podendo ser adicionados outros ingredientes ativos ou não, tais como calcáreos, cinzas diversas, resinas ou essências. No alto Rio Negro, na região de Jauaretê (R. Uaupés), usam torrar levemente as folhas da planta, sem que haja queima ou perda da coloração verde, depois, socam-nas muito bem até reduzi-las a pó impalpável que é passado através de um pano ralo. Na socagem, para que as partículas do material não sejam projetadas para fora, usam pilão cilíndrico muito comprido e estreito, uma espécie de tubo fechado numa das extremidades, feito do caule de certas palmeiras. O referido

pó impalpável é misturado, em partes iguais, a outro igualmente preparado, feito de folhas de imbaúba (espécies de **Cecropia**).

Na utilização, êsse pó misto de ipadú e imbaúba é colocado na boca entre o lábio superior e a gengiva e vai sendo chupado o líquido que aos poucos se escorre por efeito do embebedimento do pó com a saliva.

R. E. Schultes verificou, na vizinha região colombiana do Rio Apaporis, a mistura dêsse pó com a perfumada resina de **Protium heptaphyllum**, planta conhecida na Amazônia por “breu branco”.

Há referência de que, nalguns lugares, usam chupar pedaços de caule (cipó) de capi, planta descrita acima, para o mesmo fim que se utilizam do ipadú.

Ipomoea burmanii, sinônimo de **Ipomoea corymbosa** e **Rivea corymbosa**, segundo referências de Ian Duncan e R. E. Schultes, as sementes mastigadas têm propriedades inebriantes, sendo o seu uso restrito a Cuba e regiões vizinhas da América Central. Segundo certos especialistas do grupo, essa espécie tem sua área de distribuição bastante ampla devendo chegar até o centro do Brasil. No entanto, o gênero **Ipomoea**, ao qual pertence a batata doce tem muitas espécies nativas no Brasil e na Amazônia, algumas cultivadas como ornamentais pelas lindas flôres, o que constitui material interessante para estudos químicos.

Toe. — **Datura insignis** Barb. Rodr., família das **Solanaceae** é uma planta nativa que se encontra comumente cultivada no alto Solimões até Iquitos, no Perú. As folhas têm propriedades narcóticas e são utilizadas em festividades religiosas pelos índios dessa região. Segundo Ducke, essa planta existe cultivada no Rio de Janeiro, como ornamental, onde foi introduzida (Arq. Jard. Bot. Rio, V: 181 - 1930).

O gênero **Datura**, ao qual pertence o estramonio, possui um número razoável de espécies, todas talvez muito interessantes sob o ponto de vista químico. Schultes cita algumas espécies que habitam a Colômbia na região andina ou além dos andes e utilizadas entre os nativos como inebriante.

“**Rapé de índio**” ou “**niopo**”. Entre os índios, além do fumo, é conhecido o uso de outras plantas cuja fumaça é aspirada pelo nariz (indian snuff, em inglês), produzindo ação entorpecente ou alucinante, prática que quase sempre obedece a certos rituais, fazendo parte de festividades. Nalguns casos, o material não é queimado para produzir fumaça e sim aspirado como rapé.

Dentre as plantas mais conhecidas para êsse fim podemos citar as seguintes: a leguminosa **Piptadenia peregrina** (L.) Bth., muito usada entre os índios do alto Orinoco, algumas espécies de **Virola** (família **Myristicaceae**) e **Olmedioperebea sclerophylla** Ducke (**Moraceae**).

Piptadenia peregrina é conhecida na Amazônia brasileira por “Paricá” e na Venezuela, por “niopc”, tendo área de distribuição muito ampla, chega até o Nordeste e o Brasil meridional. Sobre o seu uso como inalante, consultar o interessante trabalho de J. J. Wurdack (The Garden Journal, Julho e Agosto, pg. 116 e seguintes. 1958) e R. Spruce, o. c. pg. 426 - 430). A planta (árvore) existe cultivada em Belém para arborização.

A maneira de utilização é queimar sementes dessas plantas, puras ou misturadas com outros materiais, em potes ou cabaças de barro de formatos especiais, sendo a fumaça aspirada por tubos (em geral feitos de tibia de veado ou outro bicho) terminados em um Y que é introduzido nas narinas.

As sementes de **Olmedioperebea sclerophylla**, procedentes do município de Prainha, onde são conhecidas por rapé de índio, estavam sendo estudadas pelo químico paraense Dr. B. Sá, porém, não sabemos a que conclusão chegou.

Tibós. Por esse nome vulgar ou pelo de “tinguí”, muitas espécies nossas são conhecidas que, se não são usadas em seres humanos, pelo menos, possuem ação ictiotóxica e são utilizadas em pescarias ou para matar insetos. Quase todas possuem um cheiro característico, quando cortadas, que lembra ao do hipoclorito: **Serjania fuscifolia**, **Paullinia pinnata**, **Magonia glabrata**, **M. pubescens** (Sapindaceae), **Tephrosia toxicaria**, **Tephrosia spp.**, **Tephrosia nitens**, **Derris utilis**, **D. urucu** e outras espécies do mesmo gênero (Leguminosae), **Caryocar microcarpum** (Caryocaraceae).

Outras referências sobre plantas inebriantes, entorpecentes ou alucinantes existem na literatura de modo muito vago, em grande parte, talvez, sem razão de ser, o que somente poderá ser verificado pelo estudo de laboratório. Procuraremos citar algumas delas a seguir.

Espécies de Raputia, gênero das Rutaceae, conhecidas vulgarmente por “Arapoca” (cf. Lecointe), cujas folhas são mascadas.

Erythrina glauca (fam. Leguminosae) vulgarmente “mulungú” ou “açacurana”, sem referência sobre qual a parte da planta usada.

Clibadium biocarpum (fam. das Compositae), seriam usadas folhas e raízes. A mesma planta é usada como ictiotóxica.

Physalis angulata (fam. das Solanaceae), nome vulgar “camaçupú”. Segundo Lecointe, a planta é levemente narcótica.

Phyllanthus brasiliensis (fam. das Euphorbiaceae), nome vulgar “cunami”, “conami” ou “cunambi”, tida como narcótica, porém, conhecida seguramente como ictiotóxica.

Solanum nigrum (fam. Solanaceae), nome vulgar “maria preta”, “erva moura”, plantinha ruderal espalhada por todo o Brasil, seria levemente narcótica.

Passiflora quadrangularis (Passifloraceae), um maracujá de frutos grandes, usados para salada. Segundo Lecointe, as raízes passam por levemente narcóticas.

Petiveria aliacea (família Phytolacaceae), nome vulgar “muracaa”. Há referências de que o chá da raiz provoca alucinação.

Algumas das referências aqui por nos registradas são muito vagas, na maioria citadas da obra de Paul Lecointe (Árvore e Plantas Úteis), no entanto, servem como indicação no caso de haver interesse no estudo químico das plantas relacionadas com êsse assunto.